

CAMINHAR E INTERPRETAR: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE ESCRITAS NAS RUAS DE CÁDIZ

CAMINAR E INTERPRETAR: UN ANÁLISIS DISCURSIVO DE ESCRITOS EN LAS CALLES DE CÁDIZ

Bianca Obregon Fazioni¹

Juan Manuel López Muñoz²

formas de pasear y mirar a nuestro alrededor

*Caminamos la ciudad.
Los espacios atemporales que se suceden en un mismo lugar a la vez, Observamos aquello que se escapa a primera vista:
¿Qué hay detrás de un muro tapiado?
¿Dónde empieza y acaba la calle?
¿Cómo apreciar el nivel del suelo?
¿Quién canta detrás del muro?
¿Hacia dónde conduce esa puerta?
Dibujamos mapas de lo que es, lo que era, y lo que podría ser.
Compartimos historias.*

@mira_pordonde

Resumo: No presente artigo analisamos escritas que encontramos pelas ruas de Cádiz, uma das cidades mais antigas da Espanha. Ao nos deslocarmos pela parte histórica do município nos deparamos com distintas placas institucionais sobre os prédios, pessoas e acontecimentos que pertencem a esse lugar, contrastando com escritos não institucionais que pareciam fazer emergir uma necessidade do presente em também deixar suas marcas naquelas antigas paredes. Ao sermos interpelados por esses dizeres enquanto transitávamos, percebemos que o ato de caminhar está vinculado ao gesto de interpretar. Vejamos onde nosso caminhar-interpretar irá nos levar. Palavras-chave: pichações; caminhar; interpretar.

Resumen: En el presente artículo analizamos escritos que encontramos por las calles de Cádiz, una de las ciudades más antiguas de España. Al desplazarnos por el casco histórico del municipio, nos encontramos con distintas placas institucionales sobre los edificios, personas y acontecimientos que pertenecen a ese lugar, en contraste con escritos no institucionales que parecían hacer emerger una necesidad del presente de también dejar sus marcas en aquellas antiguas paredes. Al ser interpelados por esos mensajes mientras transitábamos, percibimos que el acto de caminar está vinculado al gesto de interpretar. Veamos adónde nos llevará nuestro caminar-interpretar. Palabras claves: graffiti; caminar; interpretar.

¹ Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal da Fronteira Sul campus Chapecó, bolsista do Programa de Doutorado-sanduíche no Exterior (PDSE) da CAPES, com estadia na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Cádiz. E-mail: bianca.fazioni@estudante.uffs.edu.br

² Professor Doutor do Departamento de Filologia Francesa e Inglesa da Universidade de Cádiz. E-mail: jmanuel.lopez@gm.uca.es

Introdução

Como analistas de discursos, caminhamos pelas ruas das cidades observando com olhar atento os dizeres que nos rodeiam. É nesse caminhar que nasce o texto aqui presente. Nosso objetivo é tecer interpretações possíveis de escritos que encontramos nas ruas de Cádiz (Espanha) durante os nossos passeios pela cidade. Quando iniciamos a escrita da pesquisa, percebemos que também nos interessava pensar sobre o gesto de interpretar e a ação de caminhar, não mais como coisas distintas, mas unindo essas práticas (simbólicas e sociais) que foram essenciais para o desenvolvimento deste texto e que se tornaram parte constitutiva do nosso percurso metodológico.

Em nosso artigo, exploramos os escritos nas paredes desde um ângulo linguístico chamado “simétrico”³, com o objetivo de tentar responder à pergunta de como as paredes e outros elementos presentes nas ruas de uma cidade (portas, grades, persianas, sinais de trânsito, etc.) podem ser um suporte de discurso inscrito de maneira mais ou menos efêmera⁴ com uma destacável dimensão dialógica.

Também nos propomos a refletir sobre o papel social das diferentes formas de escritos nas paredes como enunciados curtos (muitas vezes incompletos) de textos biográficos ou citações que circulam e são transmitidas. Essas citações mostram como tais escritos se caracterizam essencialmente por sua intenção comunicativa (responsividade e responsabilidade, em termos do círculo de Bakhtin), sua dimensão identitária, memorial (se pensa em uma memória enunciativa, contingente) e discursiva, destacando sua natureza como ligações da circulação e retorno do discurso.

Em suma, as paredes aparecem, em certo modo de uma maneira comparável às tatuagens, como um discurso que interpela, um ponto de vista inscrito na pedra, na madeira, ou no ferro, capaz de transmitir mensagens que apelam à memória dos indivíduos e os grupos que vivem ou transitam pela cidade, e cujo significado também depende de sua posição na superfície física que lhe serve de suporte, de sua inteligibilidade, e seu contexto de visibilidade.

Como dito anteriormente, este texto nasce, em certa medida, a partir das nossas caminhadas pelas ruas de Cádiz, o que nos permite pensar sobre esse movimento de circulação

3 Adotamos essa perspectiva a partir de Paveau (2010) ao propor um projeto de linguística simétrica na qual o objeto de estudo não são apenas de natureza linguística propriamente dita, mas focando em produções heterogêneas em que se misturam questões materiais, emocionais, corporais, técnicas, naturais e artificiais na construção dos sentidos.

4 Nos inspiramos em trabalhos como o de Rosier (2012), que aproxima os grafites políticos, amorosos ou memoriais à tatuagem, entendendo estas como formas breves, instaurando uma forma de discurso circulante que também nos leva a reconsiderar a noção de contexto (e até mesmo de permanência). É relevante observar também que ambas materialidades carregam restrições discursivas e formais, o que podemos perceber ao analisar os grafites ao longo deste texto.

de transeuntes que são a todo momento interpelados por distintos dizeres enquanto caminham. O ato de caminhar é comum em cidades europeias, ainda mais em espaços históricos como o centro de Cádiz, onde desenvolvemos nossa investigação⁵. Ao interpretarmos, movimentamos os sentidos sobre a cidade, e também a nossa forma de nos relacionarmos com esse espaço e de nos constituirmos enquanto sujeitos.

Para o desenvolvimento desta pesquisa trabalhamos com a perspectiva teórica da análise de discurso (Pêcheux, 1975; Orlandi, 2001, 2004, 2011, 2020), na qual entendemos que “gestos de interpretação” se dão no nível do simbólico⁶ (mobilizando uma memória discursiva, a partir de distintas posições-sujeito, em determinadas condições de produção). Para além disso, trabalhamos também com o gesto de caminhar (enquanto ação social, materializada no cotidiano dos indivíduos) que acaba influenciando diretamente no processo de interpretação dos sentidos que constituem a cidade. Ou seja, em nossa pesquisa entendemos que o gesto de caminhar se converte em um método para compreender a cidade como um espaço em movimento, no qual o significado se constrói e se desconstrói no próprio transitar. Ao nos deslocarmos pela cidade, caminhar e interpretar se entrelaçam.

Em nossas caminhadas por Cádiz percebemos que há a coexistência de discursos oficiais em placas que contam a história da cidade, nomeiam cidadãos e cidadãs “célebres” e explicam os elementos patrimoniais, contrastando aos discursos não institucionais dos mais diversos propósitos. Sendo assim, nosso texto é dividido em duas partes, primeiramente nos debruçamos à discussão sobre a disputa de sentidos nas ruas do município e também no ato de caminhar como forma de construção de um “discurso transeunte”. Em seguida, olhamos para algumas regularidades que percebemos ao nos depararmos com escritas não institucionais no centro histórico de Cádiz, entre os sentidos emergentes temos o ódio e o amor.

Caminhando: entre o histórico e o atual

Nosso texto é também um passeio pelas ruas de Cádiz, uma das cidades mais antigas da Europa, que carrega uma ampla história desde sua fundação, em torno de 1.100 a.C., pelos fenícios. Ao conhecer alguns dos principais pontos turísticos do município podemos conhecer a história institucionalizada de Cádiz, e ter contato com as marcas dessas memórias que constituem também o presente deste lugar. A *Puerta de Tierra*, reduto da muralha construída no fim do século XVIII para fins de proteção da cidade, marca a divisão entre o centro histórico e a nova

⁵ Além de caminharmos para nossas atividades cotidianas, também propusemos um passeio aos alunos do curso de Semântica e Pragmática, da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Cádiz, no qual pudemos discutir sobre distintos sentidos que disputam espaço urbano e que podem ser interpretados em um simples ato de caminhar.

⁶ Orlandi (2020).

Cádiz. Além da *Puerta de Tierra*, o *Castillo de San Sebastian* e tantos outros pontos turísticos, há também objetos arqueológicos recuperados aqui que demonstram a relevância comercial e militar dessa localidade para o desenvolvimento da Espanha e da Europa como um todo.

Ao chegar no centro histórico de Cádiz nos deparamos com muitos dizeres institucionais sobre locais da cidade. Parece haver um desejo de preservar a memória de cada prédio, acontecimento e pessoa que aqui esteve e que contribuiu para a relevância desse lugar. Encontramos distintas placas que explicam os principais lugares e eventos históricos da cidade, as mais recorrentes em nossos passeios foram essas que vemos nas imagens a seguir, com fundo branco e vermelho, letras pretas e pequeno texto descritivo em espanhol e inglês.



Figura 1 e 2: Escritos institucionais.

Fonte: os autores (2025)

Essas foram as placas que chamaram nossa atenção em um primeiro momento, porque a partir delas é possível, ao realizar uma simples caminhada, conhecer fatos sobre a história de Cádiz, sem precisar de um guia ou sem buscar informações na internet, por exemplo. Também percebemos que, essas informações nos permitem observar que os locais históricos da cidade ainda continuam sendo utilizados no cotidiano do povo gaditano e daqueles que ali transitam.

Além dessas placas informativas (ou rememorativas) que trouxemos, há também várias outras com o mesmo intuito. Encontramos algumas feitas em azulejos e/ou mármore, que possuem frases escritas em espanhol, e que relembram personagens, dizendo algum fato que aconteceu naquele prédio e/ou lugar, ou que alguma pessoa que deveria ser lembrada viveu ali.



Figura 3: Escritos institucionais.

Fonte: os autores (2025)

Como dito anteriormente, em nossas caminhadas por Cádiz percebemos que há uma urgência de não permitir que a história local se perca, uma vontade de preservar o passado através de distintos dizeres. Em meio a isso nos deparamos com outras escritas nas ruas. Parece que as pessoas do presente também sentem a necessidade de deixar suas marcas nesses espaços cheios de memória⁷. Sejam assinaturas ou protestos, as pichações dividem o espaço urbano do centro histórico com os discursos institucionais sobre a cidade.

⁷ Dialogando com a perspectiva proposta por Orlandi (2004) ao discutir sobre o sujeito que utiliza o gesto de autoria para textualizar o espaço em que vive, com um intuito de apropriação do ambiente urbano, em um gesto que busca publicizar sua presença.



Figura 4 e 5: Escritos não institucionais.

Fonte: os autores (2025)

Algumas imagens recolhidas durante nossos passeios nos permitem observar um duplo aspecto destes escritos não institucionais: podem se dirigir a si mesmos (mensagens auto-dirigidas) ou a comunidade de cidadãos e transeuntes. A circulação e recepção desses discursos dependem do suporte, da forma, e da temporalidade, sublinhando assim o fato de que os muros das ruas funcionam como um espaço público ou íntimo segundo o contexto.

Entendemos que a cidade é composta por distintos dizeres, sejam eles oficiais ou não, estamos a todo momento rodeados de discursos. Paveau e Rosier (2010) nos permitem pensar como se constrói e circula o discurso através dos mais variados objetos materiais, não somente por meio de escritos tradicionais, mas também por meio de suportes não usuais, como a pedra (das paredes, ou não), a madeira (das portas, ou outras) ou o metal (das grades, por exemplo).

Nosso artigo estuda a produção e a recepção de certos escritos urbanos, para isso nos centramos em objetos materiais relacionados às práticas sociais e mensagens privadas e públicas em contextos geográficos e sócio históricos particulares. Consideramos que estas práticas se produzem em condições restritivas nas quais o discurso aparece em contextos de diferentes visibilidades, algumas vezes quase imperceptível, em vielas e locais abandonados, outras vezes muito destacáveis nas ruas mais transitadas da cidade.

Pegamos emprestado das autoras mencionadas o conceito de “tecnología discursiva”, uma noção “que abarca ferramentas linguísticas, inscrições e artefatos considerados como

organizadores sociocognitivos” (p.179, tradução nossa⁸) para nos permitir a introdução de práticas sociais no âmbito da análise de discurso.

Nesse sentido, consideramos a materialidade dos escritos nas ruas como constitutivas de um “discurso transeunte”. Levamos em conta o conceito de materialidade no marco da análise de discurso e dos objetos materiais relacionados com discursos situados na cidade, com uma forte função comunicativa. Para nós, a materialidade não se limita a simples existência física de um suporte ou objeto, como a pedra, a madeira ou o metal, mas também inclui a forma em que esses objetos orientam, organizam ou apoiam historicamente ao discurso urbano que encontra quem transita pelas ruas de uma cidade, concretamente de Cádiz, de forma mais ou menos frequente ou pontual.

Dialogamos com a perspectiva de Orlandi (2001), ao propor uma análise que considera a cidade enquanto um espaço que é tanto material como simbólico, no qual ocorrem gestos interpretativos durante uma caminhada com ou sem rumo fixo, ou seja, durante um passeio turístico ou como uma prática habitual dos residentes. Esses gestos permitem construir sentidos que sempre se modificam de acordo com quem passeia, quando (em que momento histórico) e por onde (ruas principais ou secundárias, do centro da cidade ou da periferia). Ainda assim é possível observar certas regularidades em tais gestos interpretativos.

Orlandi (2001) propõem uma distinção entre “ordem” (no sentido de uma estabilidade linguística, vinculada a ordem dos discursos trabalhada por Foucault, que determina o que se pode dizer ou não; o visível e o invisível, o que circula e o que deve ser apagado) e “organização”(entendida como ordem conjuntural, fenomenológica, em função das características dos diferentes espaços urbanos e da tecnologia utilizada). A preocupação da autora era compreender a como se expressa a cidade, como se distribuem no espaço seus “dizeres” e como o movimento de deslocamento dos transeuntes produz significados, saberes e relações sociais. Além disso, ela também defende a noção de “palavras desorganizadas” para referir-se a manifestações linguísticas que surgem no espaço urbano onde muitas vezes fazem falta elementos enunciativos, contextuais (sócio-históricos) que dificultam a tarefa interpretativa. Essas palavras produzem um mal-estar interpretativo que dá lugar a novos significados ante a uma materialidade essencialmente silenciosa (a escrita) e muitas vezes visivelmente silenciada (reescritas, apagamentos, etc.) ou marginalizadas (em espaços periféricos da cidade, em imóveis abandonados, em ruínas ou inacabados e como prática proibida pela lei). Segundo a autora, estas palavras desorganizadas parecem reclamar sentidos que nem sempre se realizaram. Se caracterizam por mecanismos de irregularidade, excesso ou repetição, erros ortográficos e gramaticais, ambiguidades, onde a linguagem se utiliza para expressar insatisfação ou

⁸ “[...]que abarca herramientas lingüísticas, inscripciones y artefactos considerados como organizadores sociocognitivos.”

resistência a uma ordem dos discursos e a uma determinada organização urbana que não capta nem representa a complexidade da experiência social.

Sendo assim, em nosso texto insistimos no fato de que esses objetos discursivos estão entrelaçados com práticas sociais de caminhar e comunicar, e que sua materialidade favorece o encontro em circunstâncias comuns de passeio pela cidade (seja com fins turísticos ou nos deslocamentos diários para ir às compras ou ao trabalho). As paredes, as portas, as grades, o chão, o mobiliário urbano em geral, como suportes materiais do discurso, se considera aqui como uma dimensão tangível do discurso (por exemplo, pintado ou esculpido).

Em resumo, valorizamos uma concepção de materialidade que vai além da simples substância física (pedra, por exemplo), para incluir a função memorial, o uso discursivo e a função comunicativa dos objetos analisados no movimento de deslocamento das cidadãs e cidadãos. Essa noção dialoga com a perspectiva de que a cidade é um espaço simbólico, que institui uma materialidade própria e também modos de interpretação específicos (Orlandi, 2001).

É preciso lembrar que, a análise de discurso trabalha com “gestos de interpretação”, os quais Orlandi (2001, 2020) entende como uma prática significativa: não é simplesmente uma ação física (não é um “gesto” físico), mas uma ação cognitiva, dito de outro modo, é um processo simbólico mediante o qual o transeunte significa o que lê na rua, mobilizando sua memória e seus sentidos (seu cérebro, seu corpo) para os ajustar aos sentidos (a memória e o corpo) da cidade ao passo que toma uma posição como sujeito sócio-histórico-ideológico. Não se trata de um gesto simples de decodificação de um enunciado escrito na rua, mas da constituição de uma obra simbólica que vincula a linguagem, o sujeito e o mundo em um ato interpretativo.

Orlandi (2001) também entende a “cidade” como um espaço simbólico e sociopolítico marcado por complexos processos de significação. A cidade não é somente um espaço material ou físico, mas também um lugar de tensões de poderes no qual se articulam o simbólico, o político e o social, de forma fragmentada e desorganizada. Tal fragmentação resulta de um movimento constante do olhar e dos sentidos, não permanecem estáveis e completos no tempo, mas transitam. Podemos dizer que a cidade é entendida como um lugar de tensão entre um discurso oficial, histórico, homogêneo e um discurso informal, heterogêneo e desorganizado, o que indica sentidos em disputa.

Em nosso trabalho, entendemos que o gesto de interpretação é parte e resultado do ato de caminhar. Metodologicamente, a ideia de caminhar, ou mover-se pela cidade, se entende como um processo dinâmico e essencial para compreender a cidade em sua dimensão espacial

fragmentada e simbólica, em contraste com uma visão homogênea e totalizadora da cidade. Segundo Orlandi (2001), caminhar não significa apenas reunir uma sucessão de fragmentos, mas reconhecer neles “vislumbres” que orientam e reorientam o próprio percurso investigativo. Durante o deslocamento, aceitando a ideia de uma desorganização e uma desordem significantes de uma pluralidade de significados em movimento, sempre incompletos e em processo.

Além disso, consideramos que, ao caminharmos pela cidade, nós tecemos nossas interpretações desse discurso “transeunte” que constitui o espaço urbano. Podemos ainda pensar que, cada um de nós produz uma determinada relação com as ruas e com esses dizeres, cada um irá escolher determinados espaços para circular de forma mais frequente ou não, de maneira acidental ou não, irá estabelecer seu próprio olhar para a cidade. Sendo assim, não poderíamos falar em uma única cidade, assim como não é possível falar de um único sentido, ou uma única interpretação possível. A ação de caminhar, extremamente presente em cidades europeias como Cádiz, nos convida a ler (e interpretar) os múltiplos sentidos que vão definir o que é Cádiz para cada um daqueles que aqui transitam em algum momento de suas vidas. Consideramos que ao caminhar, a cidade adquire significado para o sujeito, em concordância com a perspectiva de Orlandi (2001) na qual diz que o sujeito faz parte do evento signifiante.

Ao transitar pelas ruas de Cádiz percebemos uma insurgência de dizeres que irrompem esse ideal de memória que se busca preservar da história local. Esse encontro material, que observamos durante um passeio pela cidade, com certos objetos (grafitis, placas comemorativas e outros “artefatos”) contribui tanto para a transmissão e a preservação da memória “longa” em contexto sócio-históricos particulares como a construção de uma memória “do presente”. Esses objetos são, portanto, suportes físicos que permitem conservar, transmitir ou arquivar conhecimentos, recordações ou identidades do passado e do presente.

Em resumo, a memória, a partir desta perspectiva, está ligada à materialidade dos objetos discursivos que, por sua onipresença e seu uso nas práticas sociais, participam na construção, na preservação e na transmissão de recordações coletivas e individuais. A materialidade dos objetos intervém, portanto, como um vetor essencial da memória discursiva, assim como o que podemos chamar de uma memória “enunciativa”, mais ou menos conjuntural, mediante a expressão de emoções e opiniões tão impactantes como efêmeras.

Quando olhamos para esses dizeres institucionais e não institucionais da cidade refletimos também sobre a questão do custo desses objetos discursivos, tanto na produção como em sua eventual eliminação (no caso de muros ou portas vandalizadas), sublinhando que a materialidade dos discursos e dos objetos não é equivalente a sua modalidade de existência, especialmente desde uma perspectiva socioeconômica.

Ou seja, a matéria física em que existe um escrito (na pedra ou em outro suporte diferente

do papel) pode variar em função do poder aquisitivo dos sujeitos que os produzem, com ou sem a participação de um artesão intermediário. A partir desse ponto de vista, o custo ou o valor dos objetos materiais relacionados com o discurso depende de sua dimensão institucional ou informal. Por exemplo, uma pedra gravada ou uma peça de metal fundido tem um significado “caro” (em termos econômicos e também de capital cultural) e, portanto, dominante, já que seu significado está relacionado com o alto custo de fabricação que lhe permite uma visibilidade (uma exposição pública notável) e contribui a construção do “sensível compartilhado” (Rancière, 2000). Pelo contrário, um graffiti espontâneo (considerado pela lei como vandalismo) em uma parede da rua, tem um baixo custo de execução em relação direta com seu escasso capital cultural, enquanto pode ter um alto custo econômico para ser apagado ou reparado. Este alto custo de reparação faz com que mensagens que deveriam ser efêmeras, por sua conjuntura dêitica, podem permanecer legíveis mais tempo do que o previsto e então continuar interpelando aos transeuntes e por fim, integrar a memória discursiva da cidade.

A produção destes objetos discursivos e sua recepção estão, portanto, vinculados ao seu “custo” simbólico e material, que não se limita ao seu preço econômico, mas também inclui sua participação em práticas discursivas e sociais, institucionais e informais.

De fato, a materialidade mesma de tais escritos ocupa um papel crucial na construção e percepção de seu sentido. Sua localização, sua visibilidade (em ruas principais ou secundárias) ou ocultação, seu alto ou baixo custo econômico, sua técnica mais ou menos complexa e sua rapidez de execução (tendo em conta de que se trata de práticas proibidas pelas leis), assim como sua capacidade para evoluir no espaço, influenciam a maneira como se produz e recebe a mensagem. Por exemplo, um escrito colocado em uma rua principal pode ser percebido como uma abertura até os demais, uma forma de exposição da identidade ou de compromisso social, enquanto que um escrito mais oculto, como em vielas ou casas abandonadas, evoca uma mensagem mais íntima, reservada para leitura restrita em um sentido subjetivo privado.

Além disso, a temporalidade destes enunciados, sujeitos a possibilidade de apagamento, sobre-escritura ou reforma na estrutura do suporte em obras de condicionamento da cidade, determina notavelmente o sentido transmitido pelos mesmos, tão estreitamente vinculados ao presente da produção que não se pode compreender senão de maneira necessariamente conjuntural e incompleta.

Assim, o modo de circulação da materialidade não somente define a forma da mensagem, senão também sua função, seu alcance e a relação com o entorno, configurando o sentido segundo o contexto social, cultural e individual e a memória dos transeuntes.

Resumimos a seguir algumas das características observadas em nosso arquivo:

Função: expressar uma identidade ou deixar uma marca pessoal ou coletiva. Trata-se de enunciados que refletem a subjetividade ou a sociabilidade, permitindo a indivíduos ou grupos afirmar sua presença ou sua narrativa, expressar suas emoções incluindo seus ódios. Muitas vezes se tratam de protestos sociais.



Figura 6 e 7: Escritos não institucionais de protesto.

Fonte: os autores (2025)

Materialidade: as paredes são superfícies limitadas, espaços precisos, condicionados pela sua natureza pública, mais visível ou privada. No presente artigo, está estritamente ligada à ação social de caminhar, para que assim possa ser vista, interpretada, significada.



Figura 8: Escritos não institucionais em contraste com outros escritos.

Fonte: os autores (2025)

Impermanência: A questão da temporalidade é importante; a superfície urbana é mutável, submetida a degradação, aos trabalhos de reforma inclusive à demolição. Alguns escritos duram bastante tempo, enquanto outros são rapidamente apagados (limpados) danificados (sobrescritos), rapidamente substituídos ou acompanhados por outros, de forma mais ou menos imprevista, com um efeito de acumulação, todas as intenções e ideologias confundidas. Percebemos que essa característica expressa também a forma como são constituídas as cidades, nas quais coexistem identidades, sujeitos, sentidos, ideologias. “O discurso social não é homogêneo e dá origem a diferentes movimentos discursivos que se cruzam no espaço urbano” (Orlandi, 2001, p.107-108, tradução nossa⁹).

⁹ *Le discours social n'est pas homogène et donne lieu à différents mouvements de discours qui se croisent dans l'espace urbain.*



Figura 9 e 10: Escritos não institucionais borrados e/ou sobrescritos.

Fonte: os autores (2025)

Dimensão sociocultural: os escritos nas paredes podem revestir uma dimensão simbólica, inclusive mitológica, porém muitas vezes estão vinculados a movimentos urbanos, políticos ou subversivos, com uma função às vezes agressiva.



Figura 11 e 12: Escritos não institucionais agressivos.

Fonte: os autores (2025)

Até aqui percebemos que em um passeio pelas ruas de Cádiz podemos nos deparar com diversos tipos de dizeres, alguns considerados relevantes para a preservação histórica do município, e outros que são “invisíveis”, de forma que podem ser lidos como sujeira, depredação do patrimônio e vandalismo a partir das leis que regulamentam as nossas relações em sociedade. Em trabalhos anteriores já foi possível discutir sobre essa dualidade entre os escritos que recebem reconhecimento institucional (que podem tornar-se museísticos) e aqueles não institucionais (não-museísticos).

Os escritos em pedra não museísticos são aqueles que não possuem um valor reconhecido pela sociedade; são, de certo modo, invisíveis, apesar de sua materialidade pétrea, no sentido de que não correspondem às normas estéticas dominantes que regulam, em uma determinada sociedade, os objetos discursivos considerados dignos de integrar o acervo dos museus. São escritos excluídos do patrimônio comum compartilhado (López Muñoz, 2023, p.135-136, tradução nossa¹⁰).

Em nosso trabalho, consideramos importante o movimento de interpretação desses escritos do presente, que irrompem no espaço coletivo da cidade e que carregam distintos sentidos que podem (ou não) interpelar os passantes. A seguir iremos tecer gestos interpretativos acerca de alguns dos dizeres que encontramos em nossas caminhadas por Cádiz.

¹⁰ Los escritos en piedra no-museísticos son esos escritos que no tienen un valor reconocido por la sociedad; son invisibles, en cierto modo, pese a su materialidad pétrea, en el sentido de que no responden a las normas estéticas dominantes que regulan, en una determinada sociedad, los objetos discursivos que merecen formar parte del acervo de los museos. Son escritos excluidos del común compartido (López Muñoz, 2023, p.135-136).

Interpretando: entre o ódio e o amor nas ruas de Cádiz

Neste trecho do texto nos debruçamos sobre escritos que são interpretáveis, mesmo que tenhamos em mente que há escritos que são compreendidos apenas por uma determinada comunidade à qual pertencem (por exemplo, pixos em grandes centros urbanos como São Paulo). Até agora trouxemos algumas considerações sobre as escritas nas ruas, sejam elas oficiais ou não institucionais. Explicitamos a compreensão de que a ação social de caminhar influencia na receptividade desses dizeres e que a partir dessa relação estabelecida com o espaço urbano somos interpelados a tecer interpretações. Orlandi (2011) trata sobre os limites entre o público e o privado, considerando que é a noção de propriedade, estabelecida pelo Estado, que vai nortear essas concepções. Essas relações, e divisões, que se dão no espaço urbano não são neutras, mas orientadas politicamente e precisamos levá-las em conta ao trabalharmos com escritos urbanos. Consideramos então que:

A cidade é um espaço significativo, investido de sentidos e de sujeitos, produzidos em uma memória. Quando se fazem certos gestos em relação a essa memória – são gestos de interpretação dela – se está transformando, modificando, ou não esta memória. E isto traz consequências para o espaço e para seus habitantes. Para suas vidas (Orlandi, 2011, p. 698).

Se as organizações estabelecidas dentro do espaço social que constitui a cidade se dão a partir de relações políticas, devemos considerar que há forças de poder que disputam tais espaços (e essa memória coletiva). Há pessoas que são autorizadas a dizer (ou a escrever/marcar) as ruas, enquanto outras são convidadas a transitar e a somente interpretar¹¹. Porém, como vimos até agora, podemos encontrar gestos de resistência, ou de insurgência entre os dizeres urbanos, e o principal exemplo são as pichações. “Sua forma é uma forma que denuncia os modos de existência dos sujeitos e das relações sociais que aí se praticam” (Orlandi, 2011, p.700). Ao considerarmos as pichações como denúncia dos modos de existência, como trabalhado por Orlandi (2011), podemos tomar as pichações encontradas nas ruas de Cádiz para tecermos gestos de interpretação a partir de dizeres, que alguém ousou escrever nas ruas, para discutir aspectos do social. Nesta pesquisa, o espaço urbano é considerado como espaço material concreto, exercendo local de significado exigindo atos de interpretação específicos, seguindo a perspectiva da análise de discurso (Orlandi, 2001) .

Em um primeiro momento, em nossas caminhadas pela cidade, registramos as escritas que mais nos chamaram a atenção, aquelas que conseguíamos de alguma forma interpretar, que nos tocavam de alguma maneira, ou seja, não nos ocupamos de muitas outras escritas que

¹¹ Perspectiva que dialoga com a noção de divisão do sensível proposta por Rancière (2000).

também estavam presentes nas ruas, mas que para nós “não faziam sentido”. Ao todo foram mais de 50 escritas fotografadas, dos mais distintos temas. Após esse registro inicial percebemos que encontramos algumas regularidades, a maioria dos escritos que havíamos fotografado eram sobre sentimentos de ódio e amor. Assim nos debruçamos em um gesto de interpretação partindo dos escritos de ódio, como veremos a seguir.



Figura 13 e 14: Escritos não institucionais sobre o turismo.

Fonte: os autores (2025)

A primeira imagem nos possibilita discutir sobre as formas de produção desses escritos nas ruas. Quando falamos em pichações, costumamos ter em mente escritos maiores realizados com tinta spray, porém neste trabalho tomamos como pichação produções escritas dos mais diversos tipos. Os exemplos que trouxemos para analisar os sentidos de ódio são todos produzidos com canetão e ocupam espaços pequenos das paredes. Essas características reforçam a noção de que falamos anteriormente sobre a necessidade de rapidez em sua realização, já que é considerada uma prática ilegal.

Sendo assim, a primeira imagem que trazemos para analisar os escritos de ódio é uma pequena frase produzida com canetão preto em um adesivo branco na qual é possível ler: “eu perdi meu lugar para que o turista venha desfrutar” ou ainda “eu perdi minha casa para que o turista possa desfrutá-la”(tradução nossa¹²). Entendemos que a tradução também já é um ato de

¹² Yo perdi mi hogar para que el turista venga a disfrutar.

interpretação, tendo em vista que precisamos fazer escolhas sintáticas e lexicais, mobilizando também nossos conhecimentos sócio-históricos buscando compreender aquilo que está dito.

O verbo “perdi” pressupõe que a pessoa que escreveu possuía uma casa ou um lugar no centro antigo de Cádiz (local em que a escrita foi encontrada) e que agora não possui mais. “Perdi” implica deixar de possuir, prejuízo, dano a alguém que antes tinha algo e agora não tem mais. Na continuação, interpretamos que o sujeito deste discurso atribuiu as razões para que tenha perdido seu lugar/casa à vinda dos turistas para a cidade. Em um primeiro momento poderíamos pensar que o que emerge neste dizer é um ódio dirigido aos turistas, mas interpretamos que o sentimento aqui descrito é a falta, essa perda de algo que um dia lhe pertenceu e que agora, por conta da exploração turística do município, não lhe pertence mais. E essa falta incomoda o sujeito ao ponto de materializá-la em um pequeno protesto na rua (talvez a rua em que antes vivia?), em uma placa de trânsito que indica “sentido proibido”.

Orlandi (2011) ao trabalhar com as noções de público e privado discorre acerca das divisões sociais regidas pelo político, e parece nos explicar essa distinção social entre aqueles que são necessários para a economia com base na exploração turística (os turistas) e aqueles que parecem ser dispensáveis nessa lógica capitalista (os moradores locais).

A sociedade capitalista em seu funcionamento contemporâneo é uma sociedade que vai além da exclusão, ela funciona pela segregação (coloca para fora da sociedade, e, quem está fora, não existe, não é levado em conta). Estes seus valores, por sua vez, são praticados pela sociedade que, enquanto sociedade de um sistema capitalista, é estruturalmente dividida e administrada pelo Estado que se sustenta no aparato e ideologia jurídicos (Orlandi, 2011, p. 693).

Essa segregação entre turistas e moradores locais são sentidos que emergem em nosso *corpus*. Na segunda imagem temos uma curiosa junção de dizeres, há restos de um cartaz (rasgado) que fala “sabe como identificar um apartamento turístico ilegal?” e logo abaixo o escrito “hate tourism” do qual propomos duas linhas de interpretação/tradução: turismo de ódio, e/ou, ódio turismo. Ambos parecem estar vinculados a essa posição do sujeito-local que sofre as consequências materiais da exploração turística de um lugar. Além disso, a escrita foi produzida em inglês, língua de muitos turistas que circulam pela cidade, parece haver um desejo de ser interpretado por aqueles que não são moradores locais, mas que passam por essas ruas. A seguir temos mais duas escritas que seguem os dizeres de ódio.



Figura 15 e 16: Escritos não institucionais sobre o turismo.

Fonte: os autores (2025)

Em “Cadiz pra quem a trabalha” podemos novamente discutir sobre a questão da exploração turística exacerbada. Há pessoas que trabalham em (e para) Cádiz, mas Cádiz já não está mais sendo a cidade para esses trabalhadores, devido aos preços exagerados e os aluguéis para turistas, por exemplo. Novamente, como proposto por Orlandi (2011), percebemos esses dizeres como formas de denúncia das formas de existência. O capitalismo não favorece os trabalhadores, mas precisa destes para reproduzir suas formas/forças de produção. As condições de produção (Pêcheux, 2015 [1975]) desses dizeres envolvem a situação social e econômica do município, mas também da Europa como um todo. Além disso, tais escritos precisam emergir em um contexto de marginalização (pichações) porque é algo que o Estado parece ignorar. Não veremos, por exemplo, dizeres oficiais que não apoiem o turismo.

Traduzimos o dizer da segunda imagem como “fora de nossa cidade”. Implica uma ação do sujeito que lê. Deixar a cidade. Ir embora desse lugar ao qual ele não pertence ao “nosso-nuestro”. Existe uma distinção entre um nós (moradores locais) e um eles (turistas), e a partir dessa divisão tenta-se demarcar a quem pertence a cidade. Existe um dentro (cidade) e um fora (outros lugares), aqueles que aqui devem permanecer (aqueles que aqui trabalham - dialogando com o escrito anterior) e aqueles que devem partir para fora. Esses dizeres tratam sobre uma luta social, questionando acerca de quem tem direito a cidade. Há um deslizamento de sentidos, iniciamos com o ódio, mas agora emergem também sentidos outros, como de injustiça social e de identidade local. Vejamos que outros sentidos podemos interpretar.



Figura 17: Escrito não institucional sobre o comércio local.

Fonte: os autores (2025)

Seguindo na perspectiva discursiva que entende que sujeitos e sentidos se constituem mutuamente (Pêcheux, 2015 [1975]), a noção de identidade local parece ser relevante em um contexto de disputa e reivindicação de um lugar social (“*nuestra ciudad*”). Nos deparamos com esse dizer “o comércio local me seduz”, que estava localizado ao lado de uma loja de artigos de artistas locais. Ao fazermos uma pequena pesquisa sobre essa frase, principalmente ao percebermos que detinha uma ortografia não oficial e normatizada do Espanhol, nos deparamos com algumas informações sobre o artista urbano Pintarraheo¹³, que também costuma utilizar esse dizer. Pintarraheo é um artista que busca reivindicar a língua e a cultura andaluz por meio de escritos nas ruas. Além disso, a identidade desse autor não é revelada para o público em geral, apesar de ser fonte de entrevistas e também de possuir um perfil¹⁴ com mais de 40 mil seguidores no *Instagram*.

Pintarraheo pode ser o autor dessa escrita, mas pensamos também que o autor pode ter se inspirado em seus protestos para produzir a pichação. A autoria em si não parece importar tanto quando trabalhamos com escritos nas ruas. O que é relevante é como esse dizer nos interpela,

13 Onda Local de Andalucía. Artista urbano Pintarraheo. Disponível em: <https://ondalocaldeandalucia.es/noticias/turismo-y-cultura/artista-urbano-pintarraheo/>. Acesso em: 16 dez. 2025.

14 PINTARRAHEO. Pintarraheo [Instagram]. Disponível em: <https://www.instagram.com/pintarraheo/?hl=pt>. Acesso em: 16 dez. 2025.

em um primeiro momento, nos fazendo interpretar essas letras que nos deparamos enquanto circulamos por determinado lugar. Esse dizer de que “o comércio local me seduz” dialoga com a ideia de Pintarrahêo em promover a difusão de uma identidade andaluz, valorizando as formas de falar desse lugar, e também comércios locais, por exemplo.

Ainda que trate de um bom sentimento, a sedução, interpretamos que esse dizer também está vinculado a uma formação discursiva que repudia, em certa medida, o turismo excessivo, ainda que indiretamente. Para a análise do discurso, aquilo que não é dito também está no funcionamento do discurso, portanto, também significa. Não se busca aqui expulsar os turistas, ou dirigir palavras de ódio a estes, mas emergem sentidos de valorização do local em uma tentativa de recuperar o espaço perdido (como dito no primeiro escrito analisado). São sentidos em disputa, uma disputa sócio-ideológica e historicamente orientada, já que essas relações de poder são dispostas pela exploração capitalista dos lugares. Esse sujeito, anônimo, mas presente nas ruas de Cádiz, por meio de seus escritos, vincula-se à formação ideológica que valoriza o local, e permite que o sentimento de identidade e pertencimento circule e interpele os sujeitos locais. Enquanto isso, tal dizer pode afetar de outra maneira aqueles transeuntes que se encaixam como turistas, estrangeiros (os outros). Ao passo que tais dizeres podem não os interpelar, passando despercebidos, podem causar incômodo por se sentirem excluídos dessa identidade local, ou até mesmo pode haver concordância, ao também se sentirem “seduzidos” pelo comércio local, causando uma torção do sentido.

Essa contradição nos faz pensar sobre como cada pessoa possui uma relação com os lugares e com os dizeres, não há como garantir que uma mensagem seja lida e interpretada como gostaríamos. Tal perspectiva é defendida por Pêcheux (2015[1975]) ao trabalhar com dois esquecimentos, dos quais não iremos nos aprofundar no presente texto. O autor defende que o sujeito, ao dizer, acredita que aquilo que diz só poderia ser dito desta forma, ignorando o equívoco como constitutivo da língua. Esse é o efeito de evidência, de que aquilo que dizemos é óbvio e não poderia ser interpretado de outra maneira. A possível identificação e concordância do turista com a “sedução” do comércio local poderia ser lida como esse equívoco do sentido, em um aspecto amplo e não restritivo.

Nosso corpus de pesquisa partiu dos sentidos de ódio e seguiu deslizando até sentidos de identificação e encantamento, assim é como quando caminhamos pelas ruas, nos deparamos com distintos dizeres que nos interpelam e possibilitam as mais diversas interpretações. Seguimos agora para mais alguns escritos recorrentes.



Figura 18 e 19: Escritos não institucional sobre o amor.

Fonte: os autores (2025)

E dentre os muitos dizeres registrados, não ironicamente, estava o “amor”. Sim, em um primeiro momento nos surpreendemos com os dizeres de ódio, majoritariamente destinados à exploração turística do local, mas a todo momento, em meio às mensagens de ódio, encontrávamos a palavra “amor”. Parecia um respiro, uma esperança, uma promessa. Como interpretar uma simples palavra? Como analistas de discurso às vezes nos deparamos com trabalhos árduos, e quanto menos é dito, mais o trabalho de interpretação se torna amplo. Os sentidos podem sempre ser outros, não estão vinculados às palavras *a priori*, é essa premissa que sempre buscamos levar em consideração. Mas que sentidos emergem da palavra “amor”? Assim, sem um destinatário, sem um remetente, escrito dos mais diversos tamanhos, com os mais variados adornos. O amor está lá, para o transeunte que passa, seja ele turista ou gaditano, interpelando a todos aqueles que circulam pelas ruas desse lugar.

Considerações finais

Este trajeto analítico pelas ruas de Cádiz confirmou que o ato de “caminhar e interpretar” constitui um método de investigação que permite compreender o discurso urbano. Ao nos deslocarmos pelo centro histórico, observamos uma tensão dinâmica entre os discursos institucionais - gravados na pedra, ou no mármore, para preservar a memória histórica da cidade - e os escritos não institucionais do presente, muitas vezes efêmeros, apagáveis, passíveis de reescritura, realizados com spray, tinta ou marcador.

Nestes escritos não institucionais, que podem se qualificar enquanto um discurso “em curso” ou “discurso transeunte”, emerge a necessidade dos habitantes contemporâneos de marcar a sua presença e de se apropriar do espaço urbano. Funcionam como um espaço dialógico, um muro texto que interpela aos transeuntes e transmite mensagens sociais imediatas ou recordações pessoais.

A análise destas inscrições nos permitiu identificar regularidades temáticas, particularmente a dualidade entre o amor e o ódio. As manifestações de ódio, como a expressada pelo residente que se opõe ao turismo massivo (“*Yo perdí mi hogar para que el turista venga a disfrutar*”), revelam uma crítica mordaz das divisões socioeconômicas e a segregação imposta pela lógica capitalista e turística da cidade. Essas mensagens destacam a luta pela propriedade do espaço urbano em confrontação com o espaço regido pela estética política da cidade, que interpela de maneira diferente os residentes (pela identidade e pertencimento) e aos turistas (pela exclusão ou o incômodo).

Definitivamente, os muros de Cádiz, atuam como uma forma de “tecnologia discursiva”, onde a materialidade do suporte (pedra, madeira, ferro) é constitutiva de sentidos e sustenta a circulação de discursos de diferentes formações discursivas e ideológicas. Sejam reconhecidos (museísticos) ou não institucionais (não museísticos), estes escritos participam na construção e desconstrução dos sentidos da cidade. Esta pesquisa enfatiza que a interpretação dos gestos e das palavras inscritas no espaço público é essencial para compreender a cidade como um espaço político, simbólico e em transformação, no qual a memória do passado e do presente estão em constante negociação.

Referências

ORLANDI, Eni Puccinelli. La ville comme espace politico-symbolique. Des paroles désorganisées au récit urbain. **Langage & société**, n. 96, p. 105-127, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Cidade dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A casa e a rua: uma relação política e social. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 693-703, set./dez. 2011. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade. Acesso em: 04 dez. de 2025.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Campinas, SP: Pontes, 2020.

PAVEAU, Marie-Anne; ROSIER, Laurence Le discours des objets. Pratiques et techniques de circulation, entre clandestinité et exhibition discursive Cedille. **Revista de Estudios Franceses**, núm. 1, 2010, pp. 178-183 Asociación de Francesistas de la Universidad Española Tenerife, España <https://www.redalyc.org/pdf/808/80817247011.pdf>. Acesso em: 04 dez. de 2025.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Unicamp, 2015.

RANCIÈRE, Jacques. **Le partage du sensible**. Esthétique et politique, La Fabrique Éditions., 2000.

ROSIER, Laurence. J'ai le discours dans la peau. L'énonciation des tatouages, in Maury-Rouan C. (éd), **Regards sur le discours: énonciation, interaction**, Presses de l'Université de Provence, pp. 181-190., 2012.